

O MAWÉ, O GUARANÁ E O INVENTAR DA VIDA

MAWÉ, GUARANA AND THE INVENTING OF LIFE

Fortunato Martins Filho¹
difortunas2@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho aborda o processo de construção da identidade Mawé, a partir da historicidade do território; dos símbolos; ritos, ligados à produção cultural do guaraná e suas formas de se relacionar e compreender o mundo. Para tanto, utilizou fontes bibliográficas; experiência de campo com observações, vivências e oralidade a fim de compreender o mito do guaraná e o significado na vida daquele povo.

Palavras-chaves: História, Identidade, Mitos, Mawé

Abstract: This work addresses the process of construction of the Mawé identity, based on the historicity of the territory; of symbols; rites, linked to the cultural production of guaraná and its ways of relating and understanding the world. To do so, it used bibliographic sources; field experience with observations, experiences and orality in order to understand the myth of guaraná and the meaning in the life of that people

Keywords: História, Identity, Mitos, Mawé.

INTRODUÇÃO

Mawé é o étnico², o “gentio”, o originário remador³, o herdeiro das práticas culturais gestadas nas terras firmes e várzeas amazônicas. Mawé na língua nativa (Sateré-Mawé) significa papagaio inteligente e curioso. Até a chegada dos primeiros colonos, navegadores e exploradores europeus na parte setentrional da Amazônia, a territorialidade ancestral mauesense, região cultural do Guaraná, era de domínio dos nativos Mundurucus. Ressalte-se que se trata de uma região que medeia o rio Tapajós, o Baixo Amazonas, o Madeira e o Canumã⁴, composta de vários rios e vegetação variada, habitada por uma variedade de povos com práticas de viver peculiar que precisam, ainda, ser mais estudados e revelados para o presente.

1 Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM; Mestre pela Universidade Federal do Acre – UFAC

2 Etnia refere-se ao âmbito cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam para si uma estrutura social, política e um território (SANTOS, et.al, 2009, p. 124).

3 Atribuição identitária aos povos originários que tem os rios e florestas como marcos de seus territórios; canoa, remo e remar o seu instrumento motor.

4 LIMA, Araújo. *Amazônia: A terra e o homem; com uma introdução a antropologia*. 2 ed. Companhia da Editora Nacional. São Paulo-Rio de Janeiro- Recife, 1937, p. 270. SANTOS, Francisco Jorge dos. *Além da Conquista: guerra e rebeliões na Amazônia Pombalina*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2. ed. 2002. p.147.

Com o advento do processo colonial os Mawé foi um dos povos que resistiram, juntamente com frações de Mundurucus e Muras, habitando os vales que compõem a região de Maués. Sua língua, o Sateré-Mawé, segundo Nimuendajú (1948, 2000), “fundamentalmente é Tupi, mas diferente do Guarani-Tupinambá. Embora contendo, elementos estranhos ao tupi não pode ser relacionada à outra família linguística”, (RODRIGUES, 2007) a reconhece como sendo a única de uma família do tronco tupi. Nunes Pereira (2003, p. 33), destaca que os “Maués - conquanto que integrassem na mesma família linguística tupi, como os *Mundurucus e os Apiacás* - raros pontos de contatos podiam ser apontados”. Lorenz (1992, p. 11) afirma que os homens atualmente são bilíngues, falando o sateré-mawé e o português, mas a maioria das mulheres, apesar dos 322 anos de contato com os brancos, só falam o sateré- mawé.

De acordo com Nunes Pereira (2003), os Maués “são de índole pacífica, sedentários e de caráter valente e vingativo”, ante a traição. Seu vínculo à terra, com práticas agrícolas, o faz continuar na trajetória e a “permanecer na paisagem tropical, onde teve sua origem mítica, na teimosia de *Uaiciri-Pót* – o grande legislador da tribo”. Pelo costume e uso do paricá⁵ seria o Mawé, um povo “descendente dos Incas”⁶. Consideram-se pacientes, desejosos de vida tranquila, respeitosos e alegres, não procuram brigas⁷.

Alvarez (2007) destaca que a organização social do grupo se caracteriza pela divisão em *ywanias*, correspondentes a clãs. Esses clãs encontram-se formando várias comunidades, particularmente, na região de Maués, no rio Marau. Tiba Soares Santana, tuxaua⁸, da comunidade Santa Helena, menciona os seguintes clãs, “nações”, como se autodenominam: Akury (Cutia); Awkuy (Guariba); As’bo (Tatu); Akyi (Morcego); Hwi (Gavião); Iguaretê (Onça); Waaçai (Açaí); Waraná (Guaraná); Moi (Cobra); Nampo (Pássaro do mato); Nhap (Cava); Piriwato (Ratogrande); Sateré-Mawé⁹ (Lagarta de Fogo); Uruba (Urubu).

OS SÍMBOLOS E OS SIMBÓLICOS DA IDENTIDADE MAWÉ

Na territorialidade ancestral, o Mawé resistiu com bravura as mais variadas incursões do Estado Português, na figura da igreja, colonos, traficantes de escravos e drogas amazônicas. O guaraná seria a droga de maior cobiça que impulsionava traficantes a adentrarem a Mundurucânia em busca do precioso produto. É nesta territorialidade que se situa o *habitat* do wará¹⁰, nome original, dado pelos povos ancestrais ao guaraná.

Como prática cultural antecedente ao projeto colonizador, se constituiu como aglutinador de diversas experiências, tanto da relação produtiva, como da forma de conceber

5 Conhecido também como rapé, utilizado em rituais, é feito da mimosa acacioides (planta da família das acácias). Aplicado através das narinas, com uso de um orifício de taboca, proporciona aos pajés inspirações para o trato das enferminhas.

6 Rosevellt (1982) faz abordagem diferenciada entre a Amazônia e incas e maias.

7 UGGÉ, Enrique. *As bonitas histórias Sateré-Mawé*. Manaus: Secretaria da Educação e Cultura do Amazonas, 1993. p. 6.

8 Entrevista, 18 de agosto de 2018. Arquivo/Fortunato Martins Filho.

9 Sateré-Mawé é um clã da etnia Mawé que é composta doze clãs. O Sateré-Mawé é o clã com maior quantidade de pessoas e também com maior peso político entre os demais.

10 UGGÉ, Enrique. *As bonitas histórias Sateré-Mawé*. Manaus: Secretaria da Educação e Cultura do Amazonas, 1993. p. 26.

o mundo e vivenciá-lo. Desde seu primeiro encontro como produto de consumo, pela metade do século XVII, o waraná (guaraná), como era noticiado pelos caçadores de remadores e coletores de produtos naturais, já estava revestido de um significado que lhe dava a garantia de ser concebido como referente cultural. Seu cultivo e consumo chamava atenção dos cronistas e exploradores.

Têm os Andirazes em seus matos uma frutinha que chamam guaraná, a qual secam e depois pisam, fazendo delas umas bolas, que estimam como o branco o seu ouro e desfeitas com uma pedrinha, com que vão roçando e em uma cuia de água bebida, dá tão grandes forças, que indo, os índios a caça, um dia até outro não tem fome, além do que faz urinar, tira febre e dores na cabeça e câimbra. Do préstimo que tem para provocar urina me consta. Do mais não sei de certo se não pelo que ouço dizer¹¹

Pelo que menciona Betendorf (1910), em suas crônicas, os grupos sociais de remadores, nesta porção da região setentrional da Amazônia, mantinham relações interativas com vários elementos de outros grupos que habitavam os diversos rios, que compunham o grande complexo cultural amazônico.

Na sociedade dos remadores Mawé, o wará sempre esteve e foi concebido para dar sentido aos mundos, tanto de concepção material como imaterial. Constituinte da cosmologia dos povos herdeiros, do universo multicultural contado pelo Mawé no universo mítico, o wará, além de dar sentido aos mundos, orienta os caminhos da vida. Este mito pode ser entendido a partir dos estudos de Eliade (1972, p. 06), quando recorda que o mito “conta uma história sagrada”; ele relata um acontecimento, ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Pauta-se em uma realidade que se concebe verdadeira, “que passou a existir”. “É, sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser”.

O mito, também, é o que retrata e se impõe como sacralidade da vida, tanto no que se refere ao plano material como escatológico.

[...] os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 1972, p. 6).

Como mito de origem, o mito do guaraná se constitui em um instrumental para buscar explicações e entendimentos, tanto sobre o sentido do conto, como da sua própria elaboração. Na opção primeira, a explicação busca fundamentar a particularidade do que se aprendeu com a ancestralidade e com a própria experiência, em seu ambiente, junto aos elementos de sua natureza próxima.

Na segunda opção a sua elaboração, que lhe resulta em conto primeiro, revela tanto a origem da “tribo” como o guaraná. Preservado como narrativa, pela oralidade ama-

11 BETENDORF, João Felipe. 1910. *Chônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRAZILEIRO, Tomo LXXII, parte I.

zônica, se faz presente entre os mitos das ribeiras, como o boto encantado, matintaperê, curupira e outros que recheiam o imaginário dos caboclos amazônicos que vivem transitando nos embrenhados das florestas, rios, lagos, furos, e igarapés passando de geração a geração as “verdadeiras histórias,” práticas herdadas de seus ancestrais. Cascudo (2012) entende como capacidade singular da cultura amazônica, “a incrível facilidade com que o indígena ouve, retém e transmite já inconscientemente modificada, qualquer estória, multiplica o mundo fantástico, alargando as fronteiras móveis da imaginação criadora” (CASCUDO, 2012, p. 4).

Assim se narra o mito do guaraná pelo povo Mawé:

Antigamente, contam, existiam três irmãos: Ocumáató, Icuamamn e Onhiámuácebê. Onhiámuácebê era dona do Naçoquém, um lugar encantado no qual havia plantado uma castanheira.

A jovem não tinha marido, porém todos os animais da selva queriam viver com ela. Os irmãos, ao mesmo tempo, a queriam sempre em sua companhia, porque ela era quem conhecia todas as plantas, dom que preparava os remédios que precisavam.

Uma cobrinha conversando com outros animais, certa vez disse que Onhiámuácebê acabaria sendo sua esposa.

Foi então espalhar pelo caminho por onde ela passava todos os dias um perfume que alegrava e seduzia.

Quando Onhiámuácebê passou pelo caminho, aspirando o perfume disse: Que perfume agradável!

A cobrinha que estava próximo disse a si mesma:

Eu não dizia? Ela gosta de mim!

E, correndo foi estirar-se mais adiante para esperar a moça. Ao passar ao seu lado, tocou-a levemente numa das pernas.

E isso só bastou para que a moça ficasse prenhe, porque, antigamente, uma mulher para que isso acontecesse, bastava ser olhada por alguém, homem, animal ou árvore, que a desejasse para esposa.

Porém os irmãos de Onhiámuácebê não queriam que ela se casasse com gente, animal ou árvore e que tivesse filhos, porque ela era que conhecia todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Por isso quando a moça apareceu prenhe, os irmãos ficaram furiosos. E falaram, falaram, e falaram, dizendo que não queriam vê-la com filho.

Chegou o dia do nascimento da criança.

A moça, depois do parto, no barracão feito por ela mesma, lavou a criança e tratou de criá-la.

Era um menino, bonito e forte: e cresceu forte e bonito até a idade de falar. Logo que pode falar; desejou comer as mesmas frutas de que os tios gostavam.

A mãe contou ao filho que, antes de sentir nas entranhas, plantara no Naçoquém uma Castanheira para que ele lhe comesse os frutos, mas que os irmãos, expulsando-a da companhia deles, se apoderaram de Naçoquém e não o deixariam comer castanhas. Além disso, os irmãos da moça tinham entregado o sítio a guarda da cutia, da arara e do periquito.

O menino, porém, continuou a pedir a Onhiámuáçabé, mãe dele que lhe desse a comer as mesmas frutas que seus tios comiam.

Um dia, então, Onhiámuáçabê, a moça, resolveu levar o filho ao Noçoquém para que comesse castanha.

A cutia correu e foi contar o que viu aos irmãos da moça.

Um deles disse que talvez a cutia se enganasse: o outro disse que não podia ser verdade.

Discutiram

E, afinal, resolveram mandar o Macaquinho-da-boca-roxa tomar conta da Castanheira, a ver se aparecia gente por ali.

O menino, que havia comido muitas castanhas e cada vez mais as cobiçava, já conhecendo o caminho de Noçoquém, tornou a ir lá no dia seguinte.

Ora, os guardas do Noçoquém, que tinham ido adiante, com ordens de matar quem ali encontrassem, viram o menino subir, às pressas, à Castanheira.

E, estando próximos, bem próximos, ocultos por outras árvores, tudo observando, correram e foram esperá-lo debaixo da Castanheira, armados com uma cordinha para decepar a cabeça do comedor de castanha.

Dando por falta do filho, a mulher já se havia posto a caminho, para o buscar, quando lhe ouviu os gritos.

Correu na direção do filho, mas já o encontrou decepado às mãos dos guardas. Arrancando os cabelos, chorando e gritando, sobre o cadáver do filho, a moça de Onhiámuáçabê disse:

Está bem, meu filho. Foram os teus tios que mandaram te matar. Eles pensavam que tu ficarias um coitadinho, mas não ficarás.

Arrancou-lhe o primeiro o olho esquerdo e plantou-o. A planta, porém, que nasceu desse olho não prestava: era a do falso guaraná.

Arrancou-lhe, depois, o olho direito e plantou-o. Desse olho nasceu o verdadeiro guaraná.

E, continuando a conversa com o filho, como se sentisse vivo, foi anunciando: Tu meu filho, tu terás a maior força da Natureza; tu farás o bem a todos os homens; tu serás grande; tu livrarás os homens de umas moléstias e os curarás de outras.

Em seguida juntou todos os pedaços do corpo do filho. Mascou, mascou as folhas de uma planta mágica, lavou com sua saliva e o suco dessa planta o cadáver do filho e o enterrou.

Cercou-lhe a sepultura com estacas e deixou um dos seus guardas de inteira confiança, vigiando-a.

Recomendou a esse guarda, que era o Caraxué, que a fosse avisar, assim que ouvisse qualquer barulho saído da sepultura, pois ela saberia quem era.

Passados alguns dias, o Caraxué, ouvindo barulho na sepultura, correu, correu e foi avisar Onhiámuáçabê.

A moça veio, abriu o buraco da sepultura e dentro dela saiu o macaco Coatá. Onhiámuáçabê soprou sobre o macaco Coatá e amaldiçoou-o: andaria sem repouso pelos matos.

Fechou de novo a sepultura e lançou-lhe em cima o sumo das folhas de planta mágica com que lhe lavava o cadáver.

Dias depois o Caraxué foi avisar que ouvira, de novo, barulho dentro da sepultura. Onhiámuáçabê foi até lá, abriu o buraco da sepultura e dele saiu o porco Queixada, levando os dentes que deveriam caber todos os Maués e a todos os homens.

Onhiámuáçabê expulsou também o porco Queixada.

(À proporção que saia um bicho da sepultura do menino e era expulso, a planta do guaraná ia crescendo, crescendo.)

Passados alguns dias, o Caraxué ouviu barulho na sepultura e foi avisar Onhiámuáçabê.

Ela veio de novo, abriu a sepultura e dali saiu uma criança que foi o primeiro Maué, origem da tribo.

Esse menino era o filho de Onhiámuáçabê, que ressuscitara.

Onhiámuáçabê agarrou-o sentando-o nos joelhos. E pôs-lhe um dente na boca, feito de terra.

(Por isso nós, os Maués, precedemos de cadáver e o nosso dente apodrece.)

A mulher foi lavando tudo, tudo, tudo, devagarinho, os pés, a barriga, os braços, o peito, a cabeça do menino com o sumo das folhas da planta mágica, que mastigara. Quando ela estava entretida fazendo isso com o filho, os seus irmãos chegaram de repente, e a obrigaram a deixar de lavar-lhe o corpo.

(Este é o motivo por que os Maués não mudam de pele como a cobra.) (PEREIRA, 1979, p. 131-136).

Percebe-se que no mito, a origem do mawé (wará) não se realiza pela construção da relação carnal, mas pela vontade da imaginação do grupo e à necessidade de sua criação para explicar, como ato sublime, margeado por uma tradição dentro de seu tempo primordial, “naqueles tempos”, o princípio criador de todas as coisas. Com característica adversa, o surgimento da planta, da árvore do guaraná, foi motivado pelo desejo capital, da vontade de comer o fruto proibido. A morte significou o castigo, a desobediência da tradição. Mas como era previsto, a vida seria a luta entre o autocontrole, o resistir ao desejo à desobediência perante a tradição.

Figueroa (2016) destaca que o mito do guaraná “narra uma metamorfose,” em que o referente é uma criança de origem clânica da “cobra”, que é atirada por determinação de uma mulher “em um labirinto de transformações ontológicas”. O ato é dramático, com aprisionamento em corda e seu decepamento, cabendo a mulher a continuidade da determinação da transição para uma outra ordem de coisas e relações. É a Oniawasap’i¹², que o mito outorga poderes seletivos pelos quais é possível a constituinte de uma “nova humanidade manifestando-se, de forma invisível, e pelo discurso, o que é propiciado sob a égide do guaraná”.

A Oniawasap’i caberia também a atribuições de guardar o Nusoken, o lugar sagrado do Mawé, onde se origina todas as coisas. Lugar das plantas, das criações, “em algumas versões, narradas para ouvintes católicos, como o jardim do Éden, por ser entendido como um lugar provedor, de acordo com um narrador, ou seja, foram declaradas por Oniawasap’i como o seu retrato” (FIGUEROA, 2016, p. 62).

No universo do mito do guaraná a vida supera a morte, concebida como caos, o momento pior, mas aquela sempre se renova com mais força e vigor. Seria uma forma de renascer em um mundo melhor, com mais sabedoria, onde o diálogo se constituísse refe-

12 Na narrativa colhida por Uggé (1993) é concebida como semelhante à concepção da virgem Maria.

rente a convivência cotidiana. Ao mesmo tempo esse referente tanto estaria relacionado a subjetividade, ao diálogo, como a objetividade, o guaraná da vida material.

Com esses aspectos, tanto o Mawé como o guaraná são oriundos da mesma “relação” e filhos de uma mesma origem. Por isso, como fruto da vida e da sabedoria, o guaraná é a inspiração primeira e permanente do Mawé, atua como um grande tuxaua. O ato de produzir e beber o guaraná tem uma relação pedagógica entre a experiência dos mais velhos com os mais novos.

Os arquétipos míticos do guaraná estão presentes nas construções simbólicas ligadas à origem da tribo Mawé, da árvore do guaraná, e nas relações de sociabilidade, das práticas do beber guaraná, na ideia de paraíso e na deusa mãe. Essas representações acompanham o processo, sua vida no mundo e da construção cultural dos grupos mawé.

A definição de arquétipo utilizada, historicamente, por místicos, psicólogos e cientistas tornou-se na modernidade, difundida pelos estudos de Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da psicologia analítica. Pesquisando sonhos, contos de fadas, mitos lendas, religião, percebeu expressões oriundos da “existência psíquica”, comuns entre indivíduos, “os conteúdos do inconsciente coletivo”. Para o autor, o “arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (JUNG, 2000, p. 17).

O arquétipo é um modo do comportamento psíquico e, como tal, é um fator irrepresentável que ordena inconscientemente os elementos ou conteúdos psíquicos de forma a assumirem configurações típicas, assim como o tubo de ensaio ordena moléculas numa solução saturada (JUNG, 2000, p. 56).

De acordo com a definição de Jung (2000), percebe-se o inconsciente coletivo, “imagens mentais”, como, historicamente, construído, sempre presente, “desde os tempos mais remotos”, sendo de melhor compreensão quando relacionado com o mito, o ensinamento esotérico e o conto de fada. Nessas manifestações não estariam as manifestações “óbvias”, mas as relações subjetivas pela qual se manifesta as simbologias do drama interno e inconsciente da alma, aprendido pela consciência, espelhado nos fenômenos da natureza.

Um dos primeiros arquétipos, da cultura mawé, está relacionado a árvore da vida, o guaraná. Oriunda do olho de um curumim, plantado segundo a orientação dos deuses, surge no paraíso como elemento primordial para a existência humana, capaz de proporcionar força incomum aos homens, sabedoria, agente da paz, alimento da manutenção e recuperação da saúde física e mental. A árvore produz o guaraná, alimento, essência da vida do Mawé, ao ser ingerido, tonar-se o inspirador da alma, proporcionando o dom da palavra e a capacidade dos conselhos e oportunidades da sabedoria. Não seria em demasia aprofundá-lo como a alma tribal, visto que entre os grupos Mawé, retém-se o existencial guaraná como seu tuxaua inspirador. Beber o guaraná é aprofundar-se em

uma relação com a imagem da sabedoria, revelada nas palavras do tuxaua, agente transmissor da inspiração, “o guaraná é o grande tuxaua”.

Neste arquétipo o tuxaua tribal, não seria o conselheiro, mas aquele que empresta o corpo para que o “Deus Mawé” (sabedoria guaraná) possa ser revelado e ouvido. Na rodada, a cuia contendo o guaraná, como elemento inspirador, circulando no sentido anti-horário, de mão em mão, para que cada membro da reunião possa ter parte da inspiração, tem como referência o líder, que abre e fecha o círculo, a circularidade da cuia para que todos possam estar na mesma sintonia de participação e aprendizagem.

O tuxaua tribal embora fazendo o papel de liderança, está hierarquicamente regido pelo guaraná este seria o tuxaua maior dos mawés, árvore e alimento que dá sentido ao mundo e sabedoria para “conversar bastante”. A conversa oriunda da inspiração da bebida se caracteriza como uma das formas de sabedoria, pois conversar é transmitir e receber conhecimentos, o dom da palavra é levar a boa mensagem para que possa ser comum.

Na participação do beber o guaraná, que fortalece os laços de sociabilidade também se realiza a manutenção paz, pois é nesta oportunidade que se harmonizam possíveis tensões existentes nos meios comuns do tribais. Com a sabedoria circulante o tuxaua transmite as mensagens da inspiração, que se acredita, estar contida na bebida oriunda da árvore originária, árvore da vida.

O segundo arquétipo é a origem tribal, surgida no ambiente de um paraíso. Como o guaraná, o curumim, filho de uma virgem, “enfeitiçada” por uma cobra, no mesmo paraíso, teve o (re)nascimento, em um corpo, mandado pelos deuses, semeando na terra o primeiro Mawé. Neste arquétipo a vida é como uma passagem e para que se tenha vida é preciso morrer, sendo a morte a anunciação de uma nova experiência entre o plano material e o escatológico.

No terceiro, o arquétipo do paraíso, também, está presente na cultura dos maués, pois sua origem e o *habitat* da deusa mãe é no *Noçoquém*, *paraíso* de *Onhiámuácebê*, onde habitam os animais e plantas que convivem harmoniosamente. Neste local originário, onde prevalecia a beleza e pureza, também é a origem do pecado e da maldade entre os mawé, de onde também foram expulsos e passaram a conviver na terra comum.

Neste paraíso, constatamos o arquétipo da deusa mãe, *Onhiámuácebê*, virgem, a anunciadora da vida e origem, pela qual o surgimento de um povo só teriam ou tem sentido se for pela transmissão de algo divino, puro, concebido pela força mestra da natureza junto a deusa - mãe. A “sepultura” também funciona como um ventre materno que origina outros seres animais que viverão junto aos Mawé.

Em outros aspectos, o guaraná é sua fonte de renovação energética que alimenta o corpo e o espírito como renovador da força frente ao universo de desafios. Neste arquétipo, a renovação é uma constante diária, força natural, capaz de proporcionar a longa vida. Acreditam que o beber guaraná é uma forma de aprofundar, melhorar sua energia e relação energética com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho para atingir o objetivo proposto do artigo consistiu em um percurso com vários elementos interpretativos da marcante cultura do Mawé. Foi possível demonstrar o grupo étnico Mawé, com a sua composição de doze clãs, um dos grupos descendentes nativos que preservam a cultura do guaraná, se relacionando com o mundo material e imaterial a partir de seu referencial mitológico de origem tribal e do guaraná, o mito do guaraná. A inspiração do conto mitológico e sua efetiva interpretação nos proporcionou a oportunidade de entender, entre os mawé, a relação entre caos e renascimento, morte e vida. Sendo a partir deste contraditório que se estabelece a sabedoria revelada no guaraná. Assim quem o ingere torna-se um sábio.

Ao beber guaraná, o Mawé, mergulha nos mitos da sua ancestralidade e seus arquétipos são reveladores na ritualística. A sabedoria é alimentada pela mãe que representa a deusa de origem do fruto da vida e que gera e produz o alimento sagrado no ato de ralar o guaraná em uma pedra basalto, em uma cuia com água. Ao beber o guaraná o mawé se alimenta da sabedoria sagrada. Através da ingestão do guaraná, a ritualística tribal, dá sentido a sua cosmologia, a sua visão de mundo e se constitui o seu tuxaua maior, seu deus.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, G. O. **Satereria-Tradição e política-Saterê-Mawé**. Manaus: Valer. 2007. 216 p.
- CASCUDO, L. da C. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo 2012. 382 p. Disponível em: <www. <https://docero.com.br/doc/en15s>> Acesso em: 14 mai. 2017.
- ELIADE, M.. **MITO E REALIDADE**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. 143 p.
- . **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109 p.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Tradução Maria Luíza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Perrópolis: Vozes, 2000. 469 p.
- LIMA, A. **Amazônia, a terra e o homem**. Com uma introdução a antropogeografia. São Paulo: Nacional, Brasília, 1937. 104 p.
- LOREZ, S. da S. **Os Índios Maués: Os filhos do guaraná**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992. 163 p. (Coleção Projetos).
- NIMUENDAJÚ, C. **Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira**, Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/ Assírio & Alvim 2000. 219 p. (Coleção Coisas de Índios).
- PEREIRA, N. **Os Índios Maués**. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2003. 192 p.
- RODRIGUES, Aryon & CABRAL, Ana Suelly (orgs.), **As Consoantes do Proto-Tupí**. Línguas e Culturas Tupí. Campinas: Curt Nimuendajú, 1: 167-204, 2007.
- SANTOS, F. J. **Nos confins ocidentais da amazônia portuguesa**. Mando metropolitano e prática do poder régio na Capitania do Rio Negro no século XVIII. 2002, 312 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus/AM. 2002.
- _____. **Além da conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2009. 216 p.
- UGGÉ, E. **As bonitas histórias Sateré-Mawé**. Manaus: Secretaria da Educação e Cultura do Amazonas, 1993. p. 83.
- BETENDORF, J. F. **Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. **Revista [do] Instituto Histórico e Geographico Brasileiro**, Tomo LXXII, Parte I, 1910. 753 p.

FIGUEROA, A. L. G. Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, p. 55-85, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222016000100005>>. Acesso em: 10 jan. 2017.